

A ESCRITA DE SI DAS MISSIVAS: REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS E LITERÁRIAS

THE WRITTEN OF YOURSELF OF MISSIVES: HISTORIOGRAPHY
AND LITERARY REFLECTIONS

ESCRITURA DE SI DE LAS MISIVAS: REFLEXIONES
HISTORIOGRAFICAS Y LITERARIAS

*Manuel VERONEZ**

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca da escrita de si do gênero epistolar. Para tanto, utiliza-se como aporte teórico Foucault (1992), Gomes (2007), entre outros, visando a discutir a forma de apresentação e ação desta prática de escrita, principalmente dentro das missivas, bem como sua possível colaboração para os estudos da historiografia literária e da literatura brasileira. Como recorte, elegeu-se a escola literária intitulada “modernismo brasileiro”, mais especificamente, um fragmento de uma carta trocada entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, concebida como material historiográfico pertencente ao gênero em questão.

Palavras-chave: Escritas de si; gênero epistolar; historiografia literária; literatura brasileira.

Abstract: This article aims to present a reflection on the writing of itself of the epistolary genre. To this end, it uses as theoretical support Foucault (1992), Gomes (2007), among others, in order to discuss the presentation and action of this writing practice, especially within the letters as well as a possible collaboration for Brazilian literature studies and literary historiography. As cropping, it was elected the literary school entitled "Brazilian modernism", more specifically, a fragment of a letter exchanged between Mario de Andrade and Carlos Drummond de Andrade, designed as historiographical material belonging to the genre in question.

Keywords: Writings of themselves; epistolary genre; literary historiography; brazilian literature.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar una reflexión sobre la escritura de sí mismo del género epistolar. Para ello, se utilizan los aportes teóricos de Foucault

* Mestre em Estudos Literários (bolsa FAPEMIG), pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente, doutorando em Estudos Linguísticos (bolsista CAPES), pelo Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: junexblacklabel@hotmail.com.

(1992) y Gomes (2007) entre otros, con el fin de discutir el modo de presentación y acción de esta práctica de la escritura, principalmente de las cartas, así como una posible colaboración para los estudios de la historiografía literaria y de la literatura brasileña. Como modelo de estudio, se eligió la escuela literaria titulada "modernismo brasileño", más específicamente, un fragmento de una carta intercambiada entre Mario de Andrade y Carlos Drummond de Andrade, concebida como material historiográfico que pertenece al género en cuestión.

Palabras clave: la escritura de sí mismo; género epistolar; historia de la literatura; literatura brasileña.

Introdução

No final do século XX e início do século XXI, percebeu-se, no Brasil, uma grande procura pelos leitores por publicações de caráter biográfico e autobiográfico. Estes gêneros, por exemplo, possuem escritas de si específicas, assim como os diários íntimos, as confissões, as cartas etc. Antigamente, a prática destas escritas era realizada somente por pessoas conhecidas, famosas e heroicas. Hoje, ao contrário, já se vê a demanda por escritas autorreferenciais de pessoas “comuns”, inseridas em nosso cotidiano.

No interior desse emaranhado de práticas autorreferenciais, tem-se um tipo de escrita chamado correspondência. Observa-se que este tipo de escrita de si pode ser deveras importante para os estudos dentro do campo da literatura e da historiografia literária. Temos, como exemplo, as missivas escritas e trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, que, de acordo com Ângela Gomes (2007), constituem:

[...] uma oportunidade para se ler e sentir o movimento modernista sob outros ângulos, para acompanhar de perto o aprendizado de Drummond com o mestre de *Macunaíma* e para repensar o lugar político e intelectual dos próprios modernistas (ÂNGELA GOMES, 2007, p. 7-8).

As escritas de si, porém, não são privilégios somente de gêneros da área da literatura, pois sendo discursos normalmente memorialísticos, pautados através de reminiscências, qualquer um pode abordá-las, abarcá-las e usá-las.

Todos os tipos de escritas de si existentes, sejam cartas, discursos memorialísticos, diários etc., sempre tiveram autores e leitores. Embora estas práticas já não sejam tão recentes, poucos estudiosos acadêmicos tiveram a iniciativa de tratar essas escritas como objetos sistemáticos, passíveis de estudos e teses. A professora Walnice Nogueira Galvão (2000, p. 9), por exemplo, e por iniciativa, “propõe a analisar a escrita epistolar [...] particularmente sob o olhar literário.”

Percebe-se, também, que a prática das escritas de si, no interior de outros lugares e abrangendo, ao mesmo tempo, os espaços público e privado, se mostram em tamanha importância e legitimidade para os estudos científicos e acadêmicos.

Nas próximas seções, o artigo apresenta uma breve história das escritas de si, mostrando como estas práticas se desenvolveram e se apresentaram.

Em seguida, dedica-se, especificamente, ao gênero epistolar (com sua escrita de si própria) e ao modernismo brasileiro. Veremos, também, as contribuições possíveis que a pesquisa com cartas podem fornecer para a historiografia literária e a literatura brasileira.

Breve história das escritas de si

Ao mencionarmos a expressão “escritas de si”, automaticamente, pensamos na autoria, no “eu”, enquanto autor e na sua importância. A prática de escritas autorreferenciais requer estreita relação entre produção da subjetividade e escrita, pois, de acordo com Diana Klinger (2007, p. 27) “a escrita performa a noção de sujeito”.

Embora tenha se arraigado na cultura burguesa da Ilustração, as escritas de si, em geral, não nasceram da Reforma nem do Romantismo, elas representam uma das práticas de escrita mais antiga do Ocidente, já observada em Santo Agostinho, por exemplo, em suas “Confissões” (1999).

Na Antiguidade Greco-romana, o “eu”, segundo Foucault (1992), era uma forma de estabelecer a “escrita de si” para contribuir, especificamente, na formação individual, no cuidar-se de si, no treinamento de si em que o exercício da escrita, de modo geral, desempenhou um papel fundamental.

Conforme Foucault (1992), foi entre os séculos I e II, depois de Cristo, que as escritas de si se apresentaram de duas formas relevantes: os *hypomnêmata* e a correspondência. Os *hypomnêmata* eram espécies de cadernetas individuais em que se anotavam citações, reflexões e pensamentos ouvidos pelos outros, ou lidos em algum lugar, como em livros, ou ditados orais e locais. Segundo Klinger (2007, p. 28), os fragmentos das obras, de modo generalizado, “eram oferecidos como tesouro acumulado para a releitura e meditação posteriores”.

Lia-se, relia-se, meditava-se e dialogava estes retalhos de discursos consigo mesmo, primeiramente, para depois ir ao encontro das opiniões dos outros, embora, *a priori*, estas cadernetas não tivessem uma narrativa de si, como os diários da literatura cristã, os testemunhos, os depoimentos e os discursos memorialísticos, por exemplo. Os *hypomnêmata* procuravam “dizer o já dito, com a finalidade de constituição de si” (KLINGER, 2007, p. 28).

A correspondência, por sua vez, possui um caráter específico e típico de escrita de si, percebido ao longo de sua construção histórica, pois consegue operar com uma reflexão pessoal destinando-a ao outro. Quer dizer, há um remetente e um destinatário estabelecidos que, no momento próprio da ação de cada um, seja na escrita e/ou leitura da missiva, estarão lendo e escrevendo, numa espécie de treino autorreflexivo, de e sobre si. Ao mesmo tempo em que o missivista apresenta determinado conselho a um problema de um amigo interlocutor, por exemplo, já se faz ele próprio também aconselhado, caso algum dia passe por essa mesma ou semelhante ocasião.

A prática da escrita de si do gênero epistolar e sua contribuição para o estudo da literatura e da historiografia

O que se nota recentemente é que a literatura, com a historiografia, vem utilizando o gênero epistolar para seus estudos e sistematizações teóricas. Está-se percebendo que as cartas possuem características de “intimização” (tornar-se íntimo) da sociedade. De acordo com Gomes (2007, p. 19), “a correspondência constitui, [...], o sujeito e seu texto” e, também, um pedaço de sua história, social e privada.

Uma característica marcante e própria deste tipo de prática de escrita das cartas é a capacidade que o “eu” epistolar (quem escreve) tem de se tornar presente e/ou ausente para o seu interlocutor (quem lê), num movimento racionalizado, recortado e interessado. O missivista sabe o momento adequado de aproximar-se ou afastar-se do receptor epistolar, dependendo sempre da ocasião e do tema da missiva.

No universo das cartas, no interior de uma troca epistolar, segundo Silviano Santiago (2002), é o outro (destinatário) e não o “eu” (remetente) o responsável em arquivar e manter os documentos, pois no movimento próprio que existe no interior do gênero epistolar, é o outro que receberá as correspondências (para uma posterior leitura de si) e depois será, também, o encarregado de respondê-las, se necessário, efetuando novamente um exercício de escrita de si, sobre si e para um outro.

Observa-se, por meio dessa perspectiva, a ideia de um pacto entre os missivistas, de acordo com Santiago (2002), denominado como pacto epistolar, presente nesta categoria de prática de escrita de si. Entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, o pacto epistolar se fez pautado na amizade (dentro de sua ampla representação).

Percebe-se que esta escrita missivística tem um caráter “eminentemente relacional” (GOMES, 2007, p. 19), quer dizer, possui um lugar privilegiado e particularizado de sociabilidade, trocas, estreitamentos e vínculos entre determinados indivíduos e grupos.

A escrita de si do gênero epistolar é mais um lugar de amplas possibilidades para o estudo da literatura brasileira e da historiografia literária. Isto se justifica, pois, por meio desse gênero, podem-se encontrar, para estudos e análises, aspectos históricos e literário-estéticos de determinada sociedade e época, além da vida particular e da forma ímpar de estilo de determinado autor/editor. Exemplo disso são as cartas (2002) escritas e trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, no período de 1924 até 1945.

Fazendo uma passagem analítica bem rápida durante o período histórico registrado pelas cartas dos Andrades, por exemplo, já identificamos a era Vargas, no Brasil, com sua ditadura do Estado Novo, em 1930, e após, 1938 a 1945, fragmentos da 2ª Guerra Mundial

e, concomitantemente a isso, o lançamento do livro de poesias de Drummond intitulado “O sentimento do mundo” (2012).

Dentre estas várias relações que a prática de escrever cartas tem, neste exercício de escrita de si, há uma outra relacionada com a possibilidade de fugir da solidão, de não se estar mais sozinho, que se dá no próprio processo de consolo, através da escrita propriamente. Assim, com certas normas de protocolação que as epístolas exigem, como selo, carimbo, endereços e nomes, podemos escrever nelas e “escrevendo, é possível estar junto, [...] através e no objeto carta” (GOMES, 2007, p. 20).

A escrita de si epistolar possui no seu interior um ritmo “descontínuo” e “cíclico” (GOMES, 2007, p. 20), podendo acelerar ou desacelerar dependendo dos acontecimentos que, por ventura, aparecerem na vida dos correspondentes. No interior deste movimento descontínuo e circular encontrado nas cartas e através do instante de presença/ausência do “eu” epistolar da missiva, percebe-se um movimento interno de distanciamento e aproximação entre esse “eu” da missiva e seu leitor interlocutor.

Todo este processo, contudo, se faz pela mescla do “eu” físico, denominado escrevente para Roland Barthes (2004), e do “eu” epistolar denominado escritor, também para Barthes (2004) que se aproximam e se distanciarão de seus destinatários segundo suas próprias razões e técnicas. O que se percebe é que, de alguma maneira, mesmo quando distante, este “eu” da carta ainda está próximo.

Alguns outros elementos que o “eu” da prática epistolar consegue movimentar aproximando-se e distanciando-se, conforme sua regra de vontade, são o tempo e o espaço, pois é no interior do corpo das epístolas que esse “eu” consegue apresentar determinada ambientação e temporalidade ao seu outro. Constata-se, por exemplo, dentro da missiva, um tempo presente mesmo quando se fala de um período passado. Pode-se também imaginar uma determinada visão do espaço, surgindo do interior da carta, para se situar e tentar compreender melhor o que está sendo narrado e apresentado, através do movimento da escrita de si.

Para Gomes (2007, p. 20), com a difusão e as pesquisas dessas escritas de si (cartas, diários, crônicas, autobiografias etc.) por parte dos estudiosos de várias áreas, principalmente a historiografia literária e a literatura brasileira, veio “para o centro da análise a documentação

dos ‘homens’ comuns”, que até então não eram lidos e nem despertavam o interesse do receptor, leigo ou especializado. Apenas heróis, mártires e grandes famosos tinham suas vidas, de alguma maneira, colocadas em biografias, testemunhos, discursos memorialísticos, autobiografias etc., e tinham suas cartas publicadas (quando haviam e eram permitidas) para a leitura e deleite dos curiosos leitores.

A partir da ideia e do interesse de se ler a vida de qualquer um, conhecido ou não, avistou-se a possibilidade de criar “uma estratégia eficaz de aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar; como indício da(s) cultura(s) de uma época e de uma certa configuração das relações sociais” (GOMES, 2007, p. 20). Com isso, observa-se, nesse determinado caso, uma colaboração para os estudos de cultura, sociedade e história de uma determinada época, mais uma vez comprovando a importância desses tipos de escritas de si, inclusive e, principalmente, as cartas, para os estudos intelectuais e acadêmicos, como para a historiografia literária e a literatura brasileira.

Dessa maneira, pode-se pensar a historiografia literária como uma forma de pesquisa que traz como relação, de análises e estudos, as pertinências, significâncias e possíveis contribuições entre: a literatura e o período histórico que ela se apresenta; as técnicas comunicativas e a literatura; e a criação artística literária e a materialização dos meios, próprios e propícios, para sua divulgação e configuração, podendo ser de modo manuscrito, impresso (livros, jornais, revistas, folhetos) e eletrônico; Segundo Sússekind e Dias (2004), a historiografia literária pode ser responsável “[...] por transformações significativas nas relações entre obra e suporte, entre autor, leitor e obra, entre matéria textual e modalidades diversas de produção e transmissão de textos” (SÜSSEKIND; DIAS, 2004, p.36).

A legitimidade para um estudo de historiografia literária, hoje, vem da constante e crescente transformação das perspectivas de conceitos e teorias, bem como a mudança na reflexão de todo o horizonte epistemológico existente no momento atual, em que se vivenciam, ao mesmo tempo, a ação de comunicação simultânea entre manuscrito e tipografia (datilografia); manuscrito e eletrônica (digitação); e, também, entre as outras formas de publicações; que podem acarretar na publicação do livro e/ou na produção do hipertexto (divulgado por meio eletrônico).

Estas convivências constantes, segundo Sússekind e Dias (2004), além de destacar a própria mutação em curso, destacam [...] a necessidade de a materialidade das formas de comunicação literária ser enfocada como dimensão significativa do estudo das culturas letradas e da sua história.” (SÜSSEKIND; DIAS, 2004, p.38).

Entretanto, quando se pensa em uma historiografia literária, o que surge de imediato no pensamento é a ideia de tradição. Tradição esta que para a época clássica tinha como regra literária o imitar as coisas, enquanto que, na época modernista, a cartilha poética trazia a ideia de inovação, trabalho com a linguagem, aniquilação de tudo que é passado.

Ainda há tradição e para os tempos modernistas, bem como demais movimentos de vanguarda, ela (a tradição do momento) surge como um silogismo eterno, em que a síntese se tornará sempre uma nova tese a ser rompida.

A questão da tradição dentro do modernismo brasileiro é assaz presente e pontual nas produções artísticas e teóricas dos poetas e estudiosos, assim como em lugares mais confortáveis e tranquilos para se ter uma boa conversa, sem tensas pretensões, como no caso das epístolas. Um exemplo disso é uma carta resposta (das várias existentes) de Mário de Andrade para Carlos Drummond de Andrade, em que aquele refuta toda a tradição intelectual deste, que era de influência francesa, inspirado principalmente por Anatole France:

[...] ‘Devo imenso a Anatole France que me ensinou a duvidar, a sorrir e a não ser exigente com a vida.’ Mas meu caro Drummond, pois você não vê que é esse todo o mal que aquela peste amaldiçoada fez a você! Anatole ainda ensinou outra coisa de que você se esqueceu: ensinou a gente a ter vergonha das atitudes francas, práticas, vitais. Anatole é uma decadência, é o fim duma civilização que morreu por lei fatal e histórica. Não podia ir mais pra diante. Tem tudo que é decadência nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. Bondade fingida porque é desprezo, desdém ou indiferença. Dúvida passiva porque não é aquela dúvida que engendra a curiosidade e a pesquisa, mas a que pergunta: será? irônica e cruza os braços. [...] escangalhou os pobres moços fazendo deles uns gastos, uns frouxos, sem atitudes, [...], amargos, inadaptados, horrorosos. Isso é que esse filho-da-puta fez (FROTA, 2002, p. 67-68).

Enfim, isso mostra o propósito de Mário de Andrade de rompimento com as tradições do passado, especialmente as estrangeiras, para a apropriação e criação de uma tradição nacional, um *ethos* representativo atual e genuinamente brasileiro (passível também de rompimento). Nota-se, mais uma vez, a importância e pertinência do gênero epistolar e de sua prática de escrita de si específica para os estudos de literatura brasileira e historiografia literária brasileira.

Considerações finais

As cartas, principalmente as pessoais, acumulam com frequência variadas informações e assuntos sem uma ordenação, finalização e hierarquização, sendo o próprio reflexo daquilo que se encontra no seu interior, no seu movimento próprio de escrita de si. As epístolas se assemelham muito com a característica do “eu” moderno, que é também desordenado, não finalizado, não hierárquico e fragmentado.

Nas missivas, a narrativa é repleta de movimentos e imagens, tanto por dentro, quanto por fora, apresentando um processo de composição multifacetado e laboriosamente construído.

O gênero epistolar, então, visto como um material historiográfico e que possui uma forma específica de escrita de si, de alguma maneira, abre espaço preferencial para o estabelecimento de vínculos e criação de redes que podem contribuir, segundo Gomes (2007), para a manutenção e conquistas de desenvolvimento, e de descobertas de conhecimentos interessantes, úteis e assaz importantes para as ciências, as artes e quiçá, para a vida imanente do homem.

“Escrever é ‘se mostrar’, se expor” (KLINGER, 2007, p. 28, aspas do autor), abrindo brechas para uma observação e reflexão crítica de si mesmo sobre si mesmo e do outro sobre si. Porém, não é uma exposição total do indivíduo, é uma exposição fragmentada, devido ao próprio caráter do “eu” moderno (já exposto alhures) e de sua memória.

Da Antiguidade até o início do Cristianismo, não havia ainda esse aspecto ambíguo, ambivalente e fragmentado do “eu” que escrevia, pois o “eu” da Antiguidade Greco-romana se pautava na ideia do “cuida de ti mesmo”, numa espécie de autoanálise e guia para uma arte de viver bem, enquanto o “eu” do cristianismo se estruturava no

“conhece a ti mesmo”. Paradoxalmente, este “eu” cristão também tinha como um dos focos o cuidar-se, que se determinava na própria renúncia de si ao se conhecer. Para o cristão, as atitudes – conhecer a si mesmo e cuidar de si – abriam a possibilidade de uma suposta salvação ou ascensão da alma.

Enfim, trabalhar com cartas é agradável, mas ao mesmo tempo, complexo, devido a sua vastidão, ao seu caráter de fragmentação, dispersão e, às vezes, à inacessibilidade imposta pelos segredos de família, de política ou profissionais. Contudo, quando o acesso é permitido, o pesquisador, ao analisar as epístolas de sua escolha, precisa recorrer a alguns procedimentos metodológicos, entre os quais firmados em questionamentos referentes ao gênero epistolar.

Estes questionamentos não são, nem estão fixados, previamente moldados ou determinados, as questões surgirão e se multiplicarão dependendo da forma como o pesquisador utiliza o material. Há inúmeras que surgem durante o processo, como, por exemplo: Quem escreve e lê as cartas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual seu ritmo e volume? De quais assuntos tratam?, entre outras. Neste sentido, Ângela Gomes (2007) reafirma a importância desse tipo de questões, as quais destaca que o analista tem que ficar atento com as importantes relações que são estabelecidas entre quem escreve, o que escreve, como escreve e o suporte material usado na escrita.

Referências

FROTA, Lélia Coelho (Org.). **Carlos e Mário**: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade; Apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade por Carlos Drummond de Andrade; Prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade por Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BARTHES, Roland. **O Grau zero da escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel, **O que é um autor**. Lisboa: Passagens/Veja Editora, 1992.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si Escrita da História**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

Recebido em: 11/04/2015

Aceito em: 22/06/2015